



## 2ª MEDITAÇÃO

### “O filho partiu para um país distante e dissipou os seus bens”

A forma como cada um de nós habita o espaço expressa o seu mundo emocional e as suas convicções de uma forma flagrante, que não podemos ignorar. Estar dentro ou fora, perto ou longe tem um significado que não é só geográfico: é também simbólico, existencial, moral. Perguntemo-nos nesta manhã, na nossa oração, onde estamos. Onde estou eu e onde estamos nós como casal? No contexto da nossa família, que lugar temos escolhido habitar? O nosso “estar dentro” é deveras um compromisso real e fecundo? Temos ajudado a reunir, tecendo a unidade característica do amor, ou permitimo-nos ser cúmplices da dispersão que enfraquece? A frase que lemos na parábola do pródigo e que nos informa que “o filho partiu para um país distante” (Lc 15: 13) oferece-nos muita luz para refletirmos sobre nós próprios.

Centremo-nos nessa frase escolhida para este dia: “O filho partiu para um país distante e dissipou os seus bens” (Lc 15:3). Curiosamente, na parábola, Jesus não se detém a explicar que razões levam o filho a tomar a decisão de partir. A não sei quantas braças de profundidade cada ser humano carrega consigo uma dor não resolvida, um desamparo ancestral, uma ferida a céu aberto, um abandono que ainda dói e que, em vez de fazer-nos mergulhar no centro afetivo que nos poderia curar, nos atira mais ainda para a solidão da distância, onde a secura e a fragilidade se agravam. Como explica São Paulo na Carta aos Romanos acontece-nos tantas vezes não fazer o bem que vemos claramente e entregarmo-nos, em vez disso, às mãos do mal que detestamos (Rm 7:19). Temos de contar humildemente com este cru paradoxo nas nossas vidas.

Porque é que o filho pródigo parte? Isso não nos vem dito na parábola. Creio que as razões profundas deste afastamento, que podemos identificar também em nós, não se explicitam completamente, só se tateiam. E resultarão, porventura, de uma mistura de coisas: uma inadiável sede de ser, um desejo de autonomia e de individualidade, e, ao mesmo tempo, uma insegurança corrosiva, uma carência, uma sedução por soluções fáceis, uma fuga. As grandes obras de arte dão frequentemente testemunho desta humaníssima dor. Recordo-me de um conjunto de esculturas de Miguel Ângelo que me impressionou muito. O escultor chamou-lhes “escravos”. Têm em comum o facto de estarem inacabadas. Miguel Ângelo esboçou-as apenas, como se o processo de as arrancar da pedra estivesse destinado a permanecer em aberto. Mas o que se vê ali é espantoso. Naqueles corpos acentuadamente dramáticos, presos ainda ao informe, há como que um grito poderoso que chega até nós e nos atinge. Eles estão



Equipes Notre-Dame

*Rassemblement International – International Gathering – Encuentro Internacional -  
Encontro Internacional – Raduno Internazionale*

**Fátima 2018**

**16-21 Juillet – July 16th-21th – 16-21 de Julio – 16-21 Julho – 16-21 Luglio**

---

em luta para libertar-se da sua própria prisão. Ora, este estado inconcluso, este inacabamento expresso entre luta e tensão, entre necessidade e desejo simboliza bem a nossa vida. Há tantas coisas que fazemos e que não conseguimos explicar bem senão como fazendo parte desse espasmo dilacerante que é a interminável construção do que somos. Por isso, há uma parte da história do filho pródigo que compreendemos bem, porque nos toca a todos.

Face a isto, o que é amar? – perguntamos nós. Amar é abraçar no outro aquela porção de sofrimento, aquele grito calado que ele transporta, e fazê-lo sem julgamentos, mas com esperança. Amar é tocar com delicadeza aquele fundo confuso e por iluminar que subsiste em cada um de nós. Amar é estar disposto a esperar pelo outro de uma forma incondicional. Amar é adotar aquela passividade do pai da parábola, que nada tem de desinteresse pelo bem do outro, mas é um modo de entrar em diálogo com a ferida que ele transporta e que o condiciona, mas cuja resolução não pode ser imediata. O ponto firme daquele que ama é, assim, não desistir.

Que os casais se amparem assim. Num casal não se pode ter a expectativa de pessoas perfeitas. Não raro um obstáculo à felicidade é mesmo a busca idealizada de uma perfeição de catálogo e não o reconhecimento de pessoas reais, de carne e osso. E, do mesmo modo, não existem famílias que não sejam famílias feridas, marcadas por um sofrimento, carregando uma cruz muitas vezes maior que as suas forças. Mas Deus não nos deixa abandonados. E de tudo ajuda-nos a fazer caminho. Apoiados em Deus tudo é graça.

Mas o mote evangélico, “o filho partiu para um país distante e dissipou os seus bens”, desafia-nos a uma revisão de vida. Porque é tão fácil perder de vista o essencial. É tão fácil perdermo-nos de vista um do outro na relação conjugal. Sem um trabalho permanente de atenção à nossa realidade, acabamos prisioneiros da rotina, entregamos a condução da nossa vida a um piloto automático e perdemos, aos poucos, a capacidade de ativar as dimensões profundas do amor. Temos de perguntar-nos se também nós não dissipamos o nosso tesouro. Isso acontece, por exemplo, quando relegamos a vida familiar para um segundo plano nas nossas prioridades. Teoricamente dizemos que é a coisa mais importante, mas depois as nossas ações concretas não dizem isso. Temos de questionar-nos se nos empenhamos de facto a qualificar a nossa vida familiar, fazendo do nosso tempo um verdadeiro templo, em vez de desperdiçar as oportunidades que em cada dia Deus nos oferece. Maravilhoso dom é a aventura do matrimónio. Sintamo-lo como uma vocação e uma missão que somos chamados aqui a renovar.